

IMAGINAR A EXISTÊNCIA NA POESIA LITERÁRIA DE MIA COUTO¹**BERNARDO G.B. NOGUEIRA²**

RESUMO: O trabalho que ora nos propomos busca um diálogo entre a questão da hospitalidade, a partir da reflexão do filósofo Jacques Derrida, a questão das nomeações, que estão discutidas no pensamento de Alain Badiou e são prementes quando pensamos os direitos humanos por um viés não hegemônico. Nesse caminho, a partir do que Martin Heidegger nos permite perceber em sua conferência sobre o poético, é que encontramos com o conto *O embondeiro que sonhava pássaros* de Mia Couto. Nesse sentido, o dizer poético-literário nos empresta imaginação bastante para refletir sobre o problema da discriminação, aqui tratada com o termo “nomeação” e ainda, a questão da hospitalidade que revela o limite imposto à imaginação do humano. A imaginação também nos acompanhará neste diálogo, que pretende estabelecer uma prosa infinita com a estrutura sem estrutura do homem. A partir das palavras da literatura de Mia Couto, queremos alimentar a filosofia de Derrida e desembocar em uma imaginação, que ademais, é o que realiza o humano, que “poeticamente habita a terra”.

PALAVRAS-CHAVE: poesia, imaginação, alteridade, direitos humanos.

“Poeticamente o homem habita.” Esse verso do poema de Hölderlin é alvo de uma análise filosófica feita por Martin Heidegger. Dentre as construções reflexivas deste ideário, o que nos interessa é a reflexão acerca da colocação do homem no mundo enquanto poesia. A reflexão inicia com a questão sobre se, de fato, o homem habita poeticamente o mundo. A princípio, parece-nos, o homem não habita poeticamente o

¹ Texto originalmente publicado na *Revista Diké* do curso de Direito da UNIPAC/Itabirito.

² Mestre em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. Professor do Centro Universitário Newton Paiva.

mundo, muito ao contrário. Talvez pudéssemos dizer que apenas os próprios poetas quanto à sua maneira de existir estejam nessa condição.

Essa dimensão, a poética, restaria mesmo impedida de se manifestar dada a colocação do homem em uma forma revestida e permeada pela técnica, o que dentro da nossa perspectiva obnubila e não permite ao homem essa existência poética de que fala o Hölderlin. No entanto, ao estarmos mais próximos destes dizeres, percebemos o quanto é real a afirmação do poeta. Ao analisar o verso “poeticamente o homem habita” Heidegger nos ensina que é apenas por força de uma existência, de um habitar o mundo poeticamente, que então o seu contrário mostra-se possível. Percebemos uma existência não-poética apenas pelo fato de que o próprio habitar é fundamentalmente poesia. Assim, apenas foi possível ao poeta afirmar esse existir na poesia porque em sua essência o homem habita poeticamente. Essa constatação pode ser lida nas palavras de Heidegger:

E nós habitamos poeticamente? Parece que habitamos sem a menor poesia. Se é assim, será mentirosa e não verdadeira a palavra do poeta? Não. A verdade de suas palavras se confirma da maneira mais inacreditável. Pois um habitar só pode ser sem poesia porque, em sua essência, o habitar é poético. Um pedaço de madeira nunca pode ficar cego [...] É possível que nosso habitar sem poesia, que nossa incapacidade de tomar uma medida provenha da estranha desmedida que abusa das contagens e medições (HEIDEGGER, 2012).

Uma vez percebida a idéia do habitar poético como sendo aquele que realiza o humano, ou em melhores palavras, aquele que possibilita ao humano seu próprio habitar o mundo, refletiremos acerca da relação entre o explicitado na poesia de Hölderlin, por intermédio do pensamento de Heidegger, e a questão da hospitalidade em Derrida, para alcançamos nosso íterim que é o encontro com a imaginação poética de Mia Couto, mais propriamente em seu conto: “*O embondeiro que sonhava pássaros*”.

Assim ao nos encontrarmos com Derrida e sua frase: “Um ato de hospitalidade só pode ser poético” parece estarmos no rastro do que nos propusemos aludir com o percurso entre o poético, a hospitalidade, a alteridade e a imaginação. Se tomarmos em conta o dizer de que “poeticamente o homem habita”, de alguma forma a relação entre

a hospitalidade proposta por Derrida e esse dizer dialogam e se complementam no encontro entre homens. Esse encontro, plural pela natureza mesma da diferença, desemboca na construção imagética – o outro é então o *locus* privilegiado em que a transcendência mesma se realiza.

A idéia de uma “hospitalidade incondicional” proposta por Derrida nos coloca próximos ao que entendemos como sendo aquilo que Holderlin expressou em sua poesia. Ou seja, enquanto o outro deve ser recebido sem que antes haja mesmo uma sua interpelação conceitual e institucional, a poesia, como espaço lingüístico onde habita o homem, seria ela mesma aquilo que denota a incondicionalidade da alteridade. A poesia, que não é além nem aquém do humano, pois é o local de medida com o divino, comporta ele dentro de si, distante e próximo ao mesmo tempo.

Assim, “habitar poeticamente” é um habitar em que a “hospitalidade incondicional” mesma já se realizara. Quando Derrida nos convoca a pensar uma hospitalidade para além da hospitalidade, está a nos lançar para o terreno do poético no qual o humano, fugido e distante da técnica legal que efetiva uma chamada “hospitalidade condicional”, coloca-se na dimensão aludida por Heidegger. Ora, enquanto Derrida diz da hospitalidade como um ato poético, que se dá na medida que recebe o outro sem medidas, em uma comunhão infinita, podemos ao mesmo tempo perceber que nessa direção caminha os dizeres de Heidegger face à estada do homem no poético:

Quando e por quanto tempo acontece a poesia propriamente? [...] *Enquanto perdurar junto ao coração a amizade, Pura, o homem pode medir-se sem infelicidade com o divino...*[...] Enquanto perdurar esse advento da benevolência, o homem tem a felicidade de medir-se com o divino. Se esse medir-se acontece com propriedade, o homem dita poeticamente a partir da essência do poético. Se o poético acontece com propriedade, o homem habita esta terra humanamente, “a vida do homem” que, como diz Hölderlin em seu último poema, é uma “vida habitante (HEIDEGGER, 2012).

E já agora seria o momento de trazermos Mia Couto para esse diálogo infinito. Infinito por se tratar de uma prosa em que a sombra do conceito cartesiano, impedidor por si só de um habitar poético, sai de cena. A primeira frase do conto aludido acima

inaugura essa encenação: “Esse homem sempre vai ficar de sombra: nenhuma memória será bastante para lhe salvar do escuro. Em verdade, seu astro não era o Sol. Nem seu país era vida” (Couto, 2013). É interessante perceber como o autor traz termos que denotam toda a prisão que as nomeações infligem ao humano em sua existência. O sol retira a possibilidade de vida na sombra. O país destina-se ao cidadão. A memória conta a história que aprisiona a criação.

Nesse caminho, o primeiro passo de nossa interlocução de idéias esta na medida em que esse tal “passarinheiro” nem nome possuía, o que necessariamente o liberta de uma colocação pré-determinada. Isso seria já um problema para os habitantes portugueses que o discriminavam. Discriminavam pelo simples motivo de não poderem tomar esse humano dentro de um conceito. Essa impossibilidade esta colocada pela ausência de imaginação, dir-se-ia mesmo de uma prisão, que “organiza” a sociedade e impede o novo. Impede a vida dentro do escuro e fora do país. Locais nos quais “aquele que vem”, o estrangeiro, como nos fala Derrida, habitam por natureza.

A estranheza ante aquele que foge aos conceitos é o que amolda as ações dos habitantes do local em que chega o homem dos pássaros. E é de se observar que os pássaros sempre estão fora do chão. Local por excelência de distinção entre homens: é-se daqui ou de acolá. E nesse sentido, imaginar não seria possível aos homens “presos” ao seu chão. Chão que se erguia quando passava o passarinheiro. Essa dimensão imagética que inaugura um outro que não pode ser qualificado esta aqui:

à volta do vendedeiro, era uma nuvem de pios, tantos que faziam mexer as janelas [...] e os meninos inundavam as ruas. As alegrias se intercambiavam: a gritaria das aves e o chilreio das crianças. O homem puxava de uma muska e harmonicava sonâmbulas melodias. O mundo inteiro se fabulava (COUTO, 2013).

A poesia de Mia Couto nos convida à habitação poética a partir das crianças que recebiam o vendedeiro sem peias qualquer. Enquanto isso os pais reprovavam as invenções dele. Dizia-se que aquele homem “ensinava suspeitas aos seus pequenos filhos”. E as crianças, solícitas “àquele que vem”, à invenção e à existência que é imaginação, recebiam com amizade poética a novidade. A ideologia determinante impregnada no ideário dos adultos do local ordenava que o novo fosse retirado dali.

A imaginação, que é o local em que a hospitalidade incondicional habita, posto que é ela mesma um impossível de previsão, restara conseguida apenas aos olhos das crianças, seres que inventam e são passivos à novidade, posto que é assim a sua existência mesma: um inventar contínuo, sem amarras da memória aprisionadora.

A fala dos adultos continua a se inscrever no cenário do *logos* que impede o existir poético. Impede a “hospitalidade incondicional” quando encerram conceitualmente aquele humano, tomando-o pela sua condição, sua cor: “*Foste a casa dele? Mas esse vagabundo tem casa?* A residência dele era um embondeiro, o vago buraco do tronco.” (Couto, 2013). E a nomeação permanecia quando insistiam, em contrário ao que nos diz Hölderlin, que a imaginação seria um não habitar, pois o morador do embondeiro dizia absurdos às crianças, coisas como: “aquela árvore é muito sagrada”.

Como nos permite reconhecer Heidegger a partir de Hölderlin, o homem habita poeticamente quando se mede com o divino. Essa seria a percepção mesma do mundo do “passarinheiro”: “aquela árvore – *como dizia o passarinheiro* – era muito sagrada, Deus plantara de cabeça pra baixo” (COUTO, 2013, grifo nosso).

Os pássaros, “todos os que no chão desconhecem morada” nos dizeres de Mia Couto, seriam o anúncio dessa relação com a divindade, talvez porque espacialmente estão mais próximos daquilo que a imaginação permite enxergar do divino. Assim, todo esse novo que é revoada do existir, que é a medida do belo, trazia aos adultos um incômodo. Não aquele que duvida pra alcançar a pureza. Mas o incômodo que é obstáculo para a poesia. Essa ausência de imaginação tornara-se impossibilidade mesma de viver. As crianças, ao invés, viviam a poesia dos pássaros. E a beleza, que é indizível, continuava a assombrar os adultos.

Afinal, os colonos ainda que hesitaram: aquele negro trazia aves de belezas jamais vistas. Ninguém podia resistir às suas cores, seus chilreios [...] Os portugueses se interrogavam: onde desencantava ele tão maravilhosas criaturas? Onde, se eles tinham já desbravado os mais extensos matos? (COUTO, 2013).

O “outro que vem”, o estrangeiro, sofre com a austeridade do eu que quer a tudo conformar. “Os senhores receavam as suas próprias suspeições – teria aquele negro

direito a ingressar num mundo onde eles careciam de acesso?” (COUTO, 2013). Parece que Mia Couto se referia ao medo, tema tão corrente em sua poesia, e que como afirma o próprio autor, cria os maiores perigos quando disseminado. Em nosso caso, o medo da imaginação, do desconhecido, acaba por criar a discriminação. A diferença seria o caminho pra imaginar, pra então, habitar a poesia incondicional daquele hóspede inesperado e desconhecido.

Esse “chegante” que altera a ordem traz a possibilidade da imaginação. Imaginar amistosamente seria o acesso à existência poética. Mas a perturbação e o assombro dos adultos mostram exatamente a ideologia da naturalização que cria os preconceitos. Ao contrário, as crianças apenas se realizam na inventividade, por isso são divinas e poéticas. Os adultos cuidavam de tentar manter a ordem. Manutenção que é marca das discriminações de toda ordem, e, por conseguinte, da eliminação do que é criado.

Assim, ao invés da novidade habitar a existência dos adultos colonos, eles se sentiam incomodados com aquela nova linguagem, e por não entender, preferiam tomá-la como um problema: “Aquele música se estranhava nos moradores, mostrando que aquele bairro não pertencia àquela terra. Afinal, os pássaros desautenticavam os residentes, estrangeirando-lhes?” (COUTO, 2013).

Ademais, a questão do estrangeiro nos remete mesmo a Édipo, o dos pés furados, que também sempre fora um estrangeiro onde chegara. Para essa relação vemos os colonos a dizer sobre o passarinho: “O comerciante devia saber que seus passos descalços não cabiam naquelas ruas. Os brancos se inquietavam com aquela desobediência, acusando o tempo. Sentiam ciúmes do passado, a arrumação das criaturas pela sua aparência” (COUTO, 2013). Essa fala explicita o que chamamos de naturalização, ou seja, a manutenção de uma estrutura como se fosse a única correta e factível. Mais uma vez a imaginação se perde, e poesia não há, tampouco, habitação nela.

E nesse mar de invenção naquele bairro, as crianças davam testemunho daquilo que Aganbem chamara de “profanação”. Essa “profanação” se dava na medida em que as crianças se colocavam distraídas ante os conceitos e da própria situação vivida, e

acolhiam poética e incondicionalmente o passarinho como se pertencesse a eles. Os pais logo se voltariam contra essa profanação, sobretudo face um termo tão caro às ideologias:

Até os meninos, por graça de sua sedução, se esqueciam do comportamento. Eles se tornavam mais filhos da rua que de casa. O passarinho se adentrara mesmo nos devaneios deles: - *Faz conta eu sou vosso tio*. As crianças emigravam de sua condição, desdobrando-se em outras felizes existências. E todos se familiavam, parentes aparentes. [...] Os pais lhe queriam fechar o sonho, sua pequena e infinita alma (COUTO, 2013).

Resta claro que a profanação das crianças figura no terreno do poético, da imaginação, do devaneio, como nos fala Mia Couto. Assim, essa colocação seria mesmo aquela que permite a existência poética. Imaginar-se medido com o divino que tudo pode, inclusive, imaginar.

Essa autêntica revolução, que também inaugura um novo tempo, não passaria indene pelas pestanas adormecidas dos colonos. Logo foi dado um comando para acabar com a novidação que o passarinho trazia. A ordem do local pedia. A ausência da imaginação também. Daí que partiu uma comissão de colonos para acabar com o incômodo. A criança logo foi tentar salvá-lo. Era talvez a tentativa desesperada de salvar a si mesmo, o fim do passarinho selaria o fim da imaginação, o rito de passagem da criança para o adulto. Preso em conceitos e ordenações.

No entanto, assim se deu. Prenderam e utilizaram a força contra o inventor de existências. O passarinho ainda quis tocar sua harmônica, mas as agressões não lho permitiram. Seria o fim dos passarinhos. O fim da invenção. O policial, para se assegurar disso lançou fora a “gaita de beijo” e o passarinho silenciou. A estrutura de uma existência racional voltaria a se estabelecer. O som do passarinho não mais ecoaria. Contudo, o passo nosso é em busca da imaginação e Mia Couto não hesitou em nos abraçar com um enredo próprio dessa categoria – a da poesia que inaugura uma relação com a divindade.

Assim, convocando mais uma vez Hölderlin, vemos a idéia da amizade entre a criança e o passarinho da imaginação a realizar esse existir poético, pois o poeta traz

um verso em que nos diz: “Enquanto durar junto ao coração a amizade...” que Heidegger analisa a dizer que “junto ao coração” e não “no coração”. “Junto ao coração” significa o que advém nessa essência do homem de ser aquele que habita, o que advém como apelo da medida junto ao coração de tal maneira que o coração se volte para essa medida. Enquanto perdurar esse advento da benevolência, o homem tem a felicidade de medir-se com o divino” (HEIDEGGER, 2012).

Nessa senda de imaginação, quando o policial lança fora a gaita, o menino a apanha e sai realizando essa existência imaginada pelo prisioneiro. E assim, nessa relação com seu instrumento, que traz divindade quando tocado, retornou mais uma vez ao tronco, habitação do passarinho:

O menino se enroscou aquecido em sua própria redondura. Enquanto embarcava no sono levou a muska à boca e tocou como se fizesse o seu embalo. Dentro, quem sabe, o passarinho escutasse aquele conforto? Acordou num chilreio. Os pássaros! Mais de infinitos, cobram toda a esquadra. Nem o mundo, em seu universal tamanho, reá suficiente poleiro (COUTO, 2013).

Ao regressar ao tronco o menino habitara a aludida existência poética, pois musicalmente media-se aos deuses. A hospitalidade do tronco se dera ao menino como um leito. A morada inventada do passarinho recebera seu hóspede em imensa hospitalidade, incondicional, guardando ali toda a imaginação trazida pelos pássaros, deixando pra trás toda a verdade dos adultos.

O mundo era ali, e ao viver no tronco, o menino mais uma vez sonhou. Adormeceu até que os adultos, presos à ideologia que não deixa viver a poesia, atearam fogo no tronco. “*O sacana do preto está dentro d árvore [...] É o gajo mais a gaita. Toca, cabrão, que já danças!* As tochas chegaram ao tronco, o fogo namorou as velhas cascas” (COUTO, 2013).

Poderia ser o fim do menino. Na realidade dos adultos seria o fim do preto. Na realidade eles nunca houveram de acessar fundamentalmente o real. Pois o poético se dá apenas quando “perdurar junto ao coração a amizade”. Assim, por não serem capazes da imaginação, feriram de morte seu próprio filho, que em verdade, não seria mesmo filho daqueles colonos, posto que era fruto da imaginação, e se é assim, vive-se

apenas por ela e nela. Daí que Mia Couto pôde encerrar assim seu conto, de maneira que possamos perceber que habitar o poético de maneira hospitaleira e infinita é possível apenas às crianças desvoltas dos limites racionais do *logos*. Morre-se pra viver.

Dentro – *do tronco* –, o menino desatara um sonho: seus cabelos se figuravam pequeninas folhas, pernas e braços se madeiravam. Os dedos, lenhosos, minhocavam a terra. O menino transitava de reino: arvorejado, em estado de consentida impossibilidade. E do sonâmbulo embondeiro subiam as mãos do passarinho. Tocavam as flores, as corolas se envolveram: nasciam espantosos pássaros e soltavam-se, petalados, sobre a crista das chamas. As chamas? De onde chegavam elas, excedendo a lonjura do sonho? Foi quando Tiago – *a criança* – sentiu a ferida das labaredas, a sedução da cinza. Então, o menino, aprendiz da seiva, se emigrou inteiro para suas recentes raízes (COUTO, 2013, grifo nosso).

O novo mundo o recebeu por imaginação em incondicional hospitalidade, feito poesia.

REFERÊNCIAS

- COUTO, Mia. *Cada homem é uma raça*. 1. ed. São Paulo: Comp. das Letras, 2013.
- HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e conferências*, 8. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012.